

A crise atual do marxismo

Wladimir Pomar

APRESENTAÇÃO

Este trabalho, elaborado no início de 1980 destinava-se a servir de material de referência para a discussão entre algumas pessoas interessadas no assunto. Visava mais suscitar algumas linhas de raciocínio para contribuir no esclarecimento de pontos polêmicos do que difundir opiniões acabadas.

Assim, não houve maior preocupação na elaboração de certas formulações. A perspectiva de sua difusão dependia da troca de opiniões programada, que serviria de base para dar melhor tratamento ao texto.

Por motivos vários, durante estes dois anos o "rascunho" fugiu ao controle do autor. Cópias diversas foram distribuídas por um número desconhecido de outros interessados. Isto criou uma situação de fato. Em vista disso, resolvi publicá-lo praticamente como no original. Fiz somente algumas modificações nos itens 1, 2, 3 e 4 de modo a tornar mais claro o que pretendia dizer. E acrescentei uma citação de Lênin acerca de sua concepção sobre o marxismo como teoria "acabada" e " perfeita" .

Abstive-me, propositalmente, de desenvolver alguns temas que merecem, sem dúvida, um tratamento mais profundo. Entre esses incluo as questões relacionadas com a transição socialista (Polónia, China, União Soviética, Camboja, Vietnam, entre outros, são desafios sem monta), a questão Stálin e os problemas da experiência histórica do movimento comunista internacional, aqui tratados de passagem. Eles fogem ao âmbito deste trabalho e aos objetivos restritos que me propusera ao elaborá-lo.

De qualquer modo, espero que as ideias aqui levantadas contribuam, de alguma maneira, para situar devidamente a "crise do marxismo". Infelizmente, nestes dois anos transcorridos, nenhum dos problemas tratados no texto teve solução. Na verdade, alguns deles se agravaram. Mesmo assim, continuo convicto de que essa crise não é senão o prelúdio de novo e maior desenvolvimento da teoria proletária.

Fevereiro de 1982

A CRISE ATUAL DO MARXISMO

Falar numa crise do marxismo já se tornou tão natural que muitos não se dão conta de suas implicações mais profundas. Inúmeros marxistas a aceitam como algo inevitável mas de duração efêmera e de superação espontânea pela própria "vida prática". Outros simplesmente não a levam em conta: a "crise do marxismo" não passaria de uma invenção da propaganda burguesa. E, como os primeiros, consideram que a vida se encarregará de jogar a burguesia no lixo da história, quando então o marxismo demonstrará sua grande vitalidade científica.

Este fatalismo é, ele próprio, uma faceta da crise da doutrina de Marx. Ninguém pode negar que a burguesia e seus ideólogos lançam toda sorte de ataques contra o materialismo dialético e o materialismo histórico, procurando demonstrar sua falência. Toda uma literatura, em particular na Europa, veio à luz para mostrar como Marx e suas teorias foram "sepultados" pela evolução do capitalismo e pelo "fracasso" do socialismo. Num evidente esforço de não deixar pedra sobre pedra, procuram até mesmo descobrir defeitos de caráter na vida dos fundadores do socialismo científico para tentar desmoralizá-los.

Os ataques da burguesia concentram-se sobretudo nas experiências de construção do socialismo, no "fracasso" das "promessas de libertação do homem defendidas em outubro" de 1917". Tal "fracasso" seria a prova mais concludente de que as "previsões científicas" do marxismo não se concretizaram: o progresso real, científico portanto, jogara a favor do capitalismo e não da ciência de Marx.

Ao lado desse "fracasso" são citados os "fracassos" dos diversos partidos comunistas, a "esterilidade dogmática" dos marxistas e outros "exemplos" que demonstrariam a caducidade do marxismo. Esta doutrina teria sido justa e correta nos primórdios do capitalismo, mas a sociedade capitalista moderna resolvera todos os problemas críticos denunciados por Marx e tornara o marxismo peça de museu.

Apesar dessas análises burguesas sobre o destino do marxismo, a influência deste cresceu de forma impressionante. Nenhum cientista social da atualidade pode ignorar as teorias de Marx, por mais contrário que seja a elas. E é isto que tem obrigado diferentes correntes burguesas a travestir-se de marxistas, a despeito das queixas amargas dos ideólogos do liberalismo contra essa "submissão".

Imbuídos das excelências da livre empresa, sem compreender que sua época histórica está ultrapassada não só pela classe operária e sua perspectiva de socialismo, como pelo próprio capitalismo monopolista. Os liberais burgueses, qual cavaleiros andantes, preferem bater-se em campo aberto contra o marxismo. Mas o máximo que conseguem produzir é um Soljenitsin.

Muito mais sábio e camuflar-se de marxista, realizar "novas" interpretações do materialismo dialético e do materialismo histórico. Avaliações "críticas" do materialismo histórico, realizadas por sisudos e dedicados "marxistas" contribuem muito mais para aumentar a confusão ideológica do que qualquer ataque aberto. Não é difícil agarrar-se ao "humanismo" do "jovem Marx" e contrapo-lo a Lênin e mesmo a Engels para evidenciar as "distorções" realizadas por estes na concepção e no processo de construção do partido revolucionário da classe operária e do Estado Socialista. Suas concepções a respeito teriam resultado, se materializado, nos "horrores do regime stalinista". Outros vão além e esforçam-se para

mostrar que a crise do marxismo não é uma crise "interior", mas uma crise da própria teoria. Esta seria incapaz de explicar o que se realizara em seu nome.

Há ainda os que, como os estruturalistas, descobrem em Marx uma base idealista, em particular quando explicita suas ideias sobre a sociedade do futuro.

Desse modo, o marxismo sofre pesadas críticas e ataques, de dentro e de fora. Isto não se dá por acaso nem é fortuito. Assenta-se em causas materiais, passíveis de serem detectadas cientificamente com o auxílio do próprio marxismo. São problemas reais que não podem ser resolvidos através da repetição vazia de "inevitabilidade histórica do socialismo" ou da ação cega da "vida prática". Atitudes deste tipo jamais conseguirão desfazer as campanhas orquestradas pelas correntes antimarxistas, principalmente se estão camufladas com o manto do próprio marxismo.

São tais problemas e as causas mais evidentes da chamada crise do marxismo o que procuraremos examinar neste trabalho.

SOBRE OS ASPECTOS GERAIS DA CRISE DO MARXISMO

Nas últimas décadas, os marxistas em geral perderam de vista um dos aspectos mais importantes da teoria de Marx. Simplesmente esqueceram-se de que essa teoria não é um conjunto acabado de verdades absolutas, mas sim um sistema vivo de ideias que deve desenvolver-se a medida que a sociedade e as ciências se desenvolvem.

Ao deixar de lado esse aspecto fundamental, os próprios marxistas abriram os flancos para os ataques dos ideólogos burgueses, das correntes antimarxistas, disfarçadas ou não. Transformaram o marxismo numa doutrina morta, incapaz de responder aos novos problemas colocados pela vida em constante mutação. Deram um golpe de morte numa das bases mais profundas da teoria marxista, a teoria das transformações, a dialética, fazendo passar por eterno o que é transitório.

Ao mesmo tempo, romperam mecanicamente a ligação íntima existente entre o materialismo histórico e os problemas conjunturais decorrentes das mudanças ocorridas na situação política e social. Deixando de considerar tais mudanças como resultado de mudanças outras que ocorriam na base da própria sociedade, deixaram de dar resposta correta e adequada a tais problemas e, em geral, perderam-se em análises e conclusões idealistas.

Vejamos o exemplo do Brasil, examinando somente o período que vem da década de 60 até hoje. Este é um período repleto de mudanças políticas e sociais.

No início daquela década estava na ordem do dia um choque de tendências dentro da burguesia a respeito do caminho de desenvolvimento do capitalismo. Independente de avaliar a posição que o proletariado deveria ter adotado diante dessa disputa — disputa que determina formas de velocidade e amplitude diferentes de desenvolvimento burguês —, o importante no momento consiste em assinalar que aquele choque resultou, em 1964, na vitória de uma das frações da burguesia, a fração financeira estrangeira e nacional, aliada aos latifundiários.

Essa fração, com sua vitória, conseguiu o esmagamento não só do movimento operário, e popular, como colocou à margem do poder outras frações da própria burguesia. Ao mesmo

tempo, conseguiu acentuar o processo de crise no qual se debatiam os marxistas brasileiros desde meados da década de 50, abalados tanto com a virada ocorrida na União Soviética e nos demais países de democracia popular do leste europeu, quanto com a crescente defesa das teses burguesas pelo partido comunista.

Como no período de profunda agitação de massas no início dos anos 60 os marxistas brasileiros não foram capazes de responder aos problemas colocados na ordem-do-dia pela luta de classes, na fase posterior a vitória reacionária observou-se um processo mais intenso de desagregação e dispersão das forças do marxismo. E não só isso. Grande parte dos revolucionários brasileiros caiu no desânimo, perdeu a confiança na classe operária e em sua capacidade de transformar a sociedade brasileira.

Essa falta de confiança, reflexo tanto das condições concretas em que se desenvolvia a sociedade brasileira quanto de análises idealistas desse mesmo desenvolvimento, conduziu não só a busca de apoio em seitas religiosas e em doutrinas anti-sociais (espiritualismo, religiões orientais, tóxicos, exacerbação sexual), como também à divisão das forças revolucionárias e "a adoção de táticas incorretas de luta.

Os marxistas revolucionários não foram capazes de opor a política vergonhosa de capitulação dos oportunistas revisionistas uma política verdadeiramente revolucionária.

Aferraram-se, em contrapartida, ao aventureirismo revolucionário e realizaram tentativas desesperadas de substituir a classe operária e o povo na luta contra o regime ditatorial. Apesar de sua derrota não se comparar ao mal causado pelo capitulacionismo revisionista (o espírito de luta e o tributo de sangue dos revolucionários foram tentativas serias de impedir que a classe operária e o povo ficassem desmoralizados pela vitória reacionária), é evidente que contribuiu para aprofundar ainda mais a crise que enfrentavam os marxistas no Brasil.

Além disso, a derrota das tentativas voluntaristas de derrubada do regime, nas cidades e no campo, e seguida de novas mudanças na superestrutura da sociedade brasileira, mudanças que estão em curso e decorrem das transformações ocorridas na base da sociedade durante os últimos anos. Elas se dão sem que as mudanças anteriores tenham sido compreendidas e explicadas.

Por outro lado, há muito afastadas das questões políticas e saindo numa letargia de quase 10 anos, a classe operária, os camponeses, as massas marginalizadas e demais camadas oprimidas da população, agitam-se e lutam por seus interesses mais vitais. Rompem o anel de aço da ditadura militar, que começara a afrouxar, e encontram novas formas de luta e de organização para conquistar as liberdades políticas e obter melhores condições sociais de vida, colocando em cheque todos os valores estabelecidos.

Entretanto, subjugadas num marasmo pantanoso durante mais de uma década, essas massas operárias e populares não poderiam manter suas lutas em crescimento ininterrupto não poderiam avançar incessantemente. No momento, assiste-se a um descenso relativo da

grande onda de lutas. Os oportunistas aproveitam-se desse fato para difundir a "fraqueza" do movimento operário e popular e interpretam-no como prova cabal de que as massas não querem nada além das migalhas que a burguesia está disposta a conceder-lhes. Os revolucionários vulgares não enxergam a realidade e, para contrapor-se aos oportunistas, continuam a gritar palavras-de-ordem "radicais", isentas de conteúdo e sentido prático.

Mas é evidente que se tornava necessário, como se tomou, uma pausa para reflexão, uma parada para buscar nos fundamentos teóricos uma resposta aos novos problemas que a luta: coloca diante da classe operária e das massas oprimidas. Só assim a classe operária conseguirá assimilar os ensinamentos dessa luta e preparar-se de uma forma mais ampla e segura, para dar novos passos no enfrentamento com a burguesia. E foi nesse momento de parada que a crise do marxismo se tomou mais clara e evidente, já que os marxistas brasileiros não estão conseguindo dar resposta justamente aos problemas colocados pelo movimento de massas.

SOBRE A TEORIA MARXISTA

Numa situação em que a classe operária e as massas do povo buscam encontrar respostas para uma luta mais consciente e conseqüente contra a burguesia e em que os marxistas estão dispersos e divididos, sem uma perspectiva segura, é fundamental colocar em primeiro plano uma resistência decidida à desagregação e uma luta persistente em defesa dos fundamentos do marxismo.

A compreensão dessa tarefa é essencial porque a crise do marxismo não pode ser superada a não ser partindo-se da luta em defesa de seus fundamentos filosóficos mais gerais, de suas teses básicas. É um ledor engano pensar que se deve defender o marxismo somente pela atenção às questões fáticas ou pelo combate as manifestações mais evidentes, no campo político, de tendências à direita e à esquerda, que se dizem marxistas mas nada tem a ver com a doutrina de Marx.

Como é possível determinar as questões táticas sem compreender os fundamentos marxistas que as embasam? Como é possível traçar uma linha de ação adequada sem possuir um instrumental teórico que permita analisar cientificamente a evolução da situação política e social? Como analisar tal situação sem critérios marxistas que determinem corretamente as classes sociais em ação?

Por outro lado, como superar as tendências ao desespero, ao negativismo, ao anarquismo, etc, que o processo prolongado de luta contra o capitalismo engendra, sem uma defesa firme da ideologia do proletariado no que ela tem de essencial? Como explicar a incrível capacidade de adaptação e de resistência da burguesia, em especial da burguesia monopolista, sem buscar nas bases teóricas do marxismo o fio condutor capaz de possibilitar tal explicação?

A situação complexa vivida pelo marxismo na atualidade nos obriga a retomar às origens, a reestudar os fundamentos teóricos, as noções básicas dessa ciência social. Todos os marxistas conscientes da crise deveriam, ainda compreender a necessidade de unir-se no esforço para superá-la e resguardar os princípios teóricos básicos da doutrina de Marx.

Entre alguns marxistas brasileiros nota-se um profundo desprezo pela teoria. Argumentando com uma proposição justa como a da importância de dedicar-se ao trabalho político de massas, antepõem erroneamente essa proposição a necessidade do estudo da teoria. Na realidade, este é um falso antagonismo.

Justamente o abandono, pelos revolucionários brasileiros, de um dos critérios de Marx – de que aos socialistas marxistas compete dar a classe operária consciência do processo histórico a fim de que ela possa cumprir o seu papel – tem levado a sérios reveses. A maior parte das

tentativas revolucionárias empreendidas no Brasil tem sido realizadas com pequenos grupos substituindo a classe operária e o povo.

Não se chegou a compreender em todas as suas conotações a concepção materialista da história. A ideia de que as mudanças que ocorriam na sociedade eram fruto do desejo de reis e de príncipes, princípio idealista demolido por Marx desde a década de 40 do século passado, acabou ressurgindo sob a forma "materialista" do papel dos homens ou grupos "conscientes" e dos "partidos" revolucionários.

Sob o argumento de que a vontade humana e, em si, uma força material, passou-se a considerar que a ideologia e a política, em suma, a vontade de um homem ou de um grupo de homens, poderia decidir o curso mesmo da história. O que é, sem dúvida, uma negação da concepção marxista segundo a qual o desenvolvimento das forças econômico-sociais constitui um processo histórico-natural que não depende da vontade dos homens e muito menos de qualquer personalidade ou autoridade.

Entenda-se vontade no seu sentido filosófico. A sociedade é constituída de milhões de vontades que, nas relações com a natureza e nas relações entre si, em geral dão uma resultante material diferente de todas as vontades individuais. Ao tomar consciência daquelas relações, o homem já encontra condições materiais dadas, condições que continuam a se desenvolver objetivamente como decorrência daquela resultante. O máximo que um homem consegue é fazer com que sua vontade corresponda a tendência geral daquela resultante de vontades, ou seja, corresponda a evolução histórica geral. Entretanto, jamais ele poderá determinar aquela resultante, mesmo que represente um importante grupo de vontades. Se isso ocorresse, teríamos substituído o primado da matéria pelo primado da razão.

Eis porque temos um processo natural. Isto não significa, entretanto, que os homens individualmente ou em grupos, não possam ou não devam agir conscientemente sobre a sociedade em que vivem. Aquele processo natural e extremamente contraditório, isto é, baseia seu desenvolvimento nos contraditórios mutuos de milhões de vontades, condicionadas por seus interesses materiais, de classe. Tais contraditórios, que tem por alicerce a contradição mais geral entre o desenvolvimento mais rápido das forças produtivas e a tendência a estagnação das relações de produção (ou de propriedade), acabam desembocando em pontos críticos que colocam os homens frente a necessidade de superá-las.

O poder Imperioso dessas contraditórios acaba conduzindo milhões de vontades a não mais desejar viver sob as condições das relações predominantes. Se neste momento houver uma força social (vontade unificada de um grupo de homens, de um partido, de uma classe) que tenha consciência dessa necessidade objetiva, essa vontade unificada pode realizar ações materiais que contribuam para superar reais contraditórios e fazer com que as relações de produção correspondam ao desenvolvimento das forças produtivas.

Essa vontade, entretanto, jamais conseguirá fugir dos limites das condições materiais dadas. Ela agirá materialmente para resolver contraditórios determinadas historicamente, e não qualquer contraditórios. As novas relações de produção não serão criação de sua vontade mas sim relações que já existem mais ou menos desenvolvidas na contraditórios a superar.

A revolução social não é outra coisa que esse processo natural, objetivo, de superação das contraditórios sociais. Os revolucionários são constituídos pelas vontades coletivas que, através do estudo das leis daquele processo, de suas tendências de evolução, conseguem perceber a tendência geral da história e fazem com que sua ação corresponda a ela. Os revolucionários

não-vulgares negam-se a tentar cometer abortos históricos. Sua ação volta-se fundamentalmente para o estudo do processo objetivo das contradições sociais e para a determinação da contradição principal a ser resolvida pela luta de classes. Com base nesse estudo científico de uma realidade concreta, agem sobre a classe ou classes revolucionárias, preparando-as ideológica, política e organizativamente para agir vigorosamente, materialmente, quando as contradições chegarem ao seu ponto crítico (em outras palavras, quando se criar uma situação revolucionária) e se tornar possível superá-las (isto é, transformando a situação revolucionária em revolução).

Essa compreensão do que há de essencial na teoria do materialismo histórico tem faltado aos marxistas brasileiros e é a causa maior de inúmeros fracassos, e avaliações idealistas do processo de luta da classe operária.

Portanto, não é o marxismo que está "superado" como dizem alguns de seus críticos. Superadas estão as concepções voluntaristas, seja do tipo blanquista, fidelista ou outras, todas de fundo idealista, que pretendem substituir o processo objetivo da luta de classes por um processo tirado da cabeça de alguns iluminados.

A confusão reinante em torno das mudanças ocorridas no mundo todo, tanto no campo do capitalismo quanto do socialismo, deve-se, sem dúvida, a que muitos marxistas não conseguem analisar essas mudanças do ponto de vista do materialismo histórico. Esqueceram-se de que, para Marx, Engels e Lênin, o método científico de análise sociológica consiste na consideração da sociedade como um organismo em constante evolução.

Para se conhecer esse organismo tão instável, uma das diversas formas de organização da matéria em movimento, é indispensável realizar uma análise objetiva das relações de produção que constituem a formação social de que se trata, descobrir as leis que regem o funcionamento e o desenvolvimento da sociedade, em vez de buscar na vontade de um homem ou de um grupo de homens o resultado da ação social.

Marx e Engels limitaram-se com base nesse método científico, a realizar a análise do regime burguês moderno e estudar as tendências de evolução da sociedade capitalista em sua forma pura, abstrata. Em parte alguma estabeleceram as leis particulares que modificam, em cada país, as leis gerais do desenvolvimento do capitalismo. E muito menos ousaram traçar qualquer perspectiva acabada do futuro, indicando "modelos" da "nova" sociedade que deveria substituir o capitalismo.

Lênin, por sua vez, conseguiu descobrir uma série de leis do capitalismo em sua fase monopolista e as leis particulares do desenvolvimento do capitalismo na Rússia. Com base nisso, conseguiu elaborar a teoria da transformação da sociedade russa, demonstrando a união que deve existir entre a teoria do conhecimento e a teoria da transformação (política), união na qual reside justamente o caráter universal, dinâmico e revolucionário da teoria marxista da história.

Nenhum dos clássicos do marxismo esgotou a análise da sociedade burguesa e de sua capacidade de resistência e adaptação. Desde a análise de Lênin sobre o capitalismo monopolista, o imperialismo, este conseguiu expandir-se ainda mais e demonstrar uma vitalidade que não correspondia as apreciações da grande maioria dos marxistas. Por outro lado, permanecem como lacunas teóricas o tratamento das formas jurídico-políticas (teoria do Estado) correspondentes a expansão do capital monopolista, das novas formas de consciência social e da luta de classes.

Além disso, as leis do funcionamento e desenvolvimento das sociedades socialistas continuam por ser determinadas, abrangendo aí também a teoria do Estado e do partido, a teoria das formas de consciência social e da luta de classes sob o socialismo.

No campo da filosofia, apesar do avanço impressionante das ciências naturais nos últimos 50 anos e apesar das explicações idealistas sobre as novas descobertas, em especial no terreno da astrofísica e da biologia, nada se produziu, após o "Materialismo e Empiriocriticismo" de Lênin, que representasse uma contribuição de peso ao materialismo dialético.

Sem dúvida, essa situação deve-se não ao marxismo como ciência. Lênin não considera, em absoluto, a teoria de Marx como algo perfeito e intangível...". Está convencido, ao contrário, de que Marx "não fez senão colocar a pedra angular da ciência que os socialistas devem desenvolver em todas as direções, se é que não pretendem ficar distanciados da vida". ("V. Lênin, "Obras Completas", vol. 4, pág. 215, México). Em termos gerais, pode-se mesmo afirmar que as novas descobertas e a evolução do capitalismo e do socialismo são uma confirmação de que o método do materialismo dialético e histórico corresponde verdadeiramente ao processo material da vida natural e social. Mas esta é uma meia-verdade que foge ao tratamento das questões concretas colocadas pela vida e leva ao esclerosamento do marxismo como ciência, transformando seus adeptos em seguidores religiosos de um dogma. E foi isso que acabou ocorrendo nos últimos 50 anos.

SOBRE OS PROBLEMAS DO SOCIALISMO

O centro dos ataques ao marxismo no terreno da teoria política volta-se contra as chamadas "falhas das previsões marxistas". Segundo seus críticos, sejam camuflados ou não, as previsões de que o "reino da necessidade" seria substituído pelo "reino da liberdade", de que o capitalismo, em seu desenvolvimento, viveria crises cada vez mais profundas até esboroar-se, de que o Estado e o partido tomar-se-iam supérfluos e desnecessários com o desenvolvimento da sociedade, mostraram-se "falsas". Tenta-se provar que a tese da estagnação do capitalismo e do capitalismo monopolista é uma tese marxista para, mais uma vez, "demonstrar" a falsidade da teoria de Marx: o capitalismo teria continuado a se desenvolver, provando ser inesgotável sua capacidade de engendrar, permanentemente, soluções novas para seus problemas.

Como conclusão, os inimigos do marxismo tentam impingir à classe operária a ideia de que o socialismo não é necessário. Mais: de que, quando implantado, é pior do que o capitalismo.

Para que fazer uma revolução, argumentam, se a chamada ditadura do proletariado se transformará numa ditadura do partido, pior do que qualquer ditadura burguesa? Para que tanto esforço se as revoluções socialistas acabam "retornado" ao capitalismo, como ocorreu na União Soviética e agora ocorre na China? Afinal, não são os próprios marxistas que vivem a falar desse "retorno"? Toda a experiência leninista, stalinista, maoísta, repetem, não confirma que o marxismo é intrinsecamente antidemocrático, como descobriram os "novos filósofos"? Não estão aí os "crimes" de Stálin, Pol Pot e outros para evidenciar isso cabalmente?

Ante tais ataques, deve-se reconhecer que os marxistas, em sua maioria, estão perplexos. O máximo que alguns conseguem fazer é repetir frases e chavões genéricas, que nada explicam sobre o que vem ocorrendo como capitalismo e com os países chamados socialistas. Mas o

marxismo só pode sair dessa crise atual enfrentando todos esses problemas, por mais complexos e nebulosos que possam ser.

É preciso dizer claramente que a tese da estagnação não é marxista. Ela não existe na obra de Marx, Engels ou Lênin. A tese leninista sobre a tendência do capital monopolista ao parasitismo nada tem a ver com a ideia de estagnação. Os mestres do marxismo sempre demonstraram que as condições materiais de existência do capitalismo são de tal ordem que ele não pode parar de desenvolver continuamente as forças produtivas sociais e as contradições que o conduzirão, inevitavelmente, à própria destruição.

O que conduz a burguesia a encontrar novas soluções para seus problemas é a acirrada luta de classes do proletariado e demais massas exploradas contra ela, em primeiro lugar, e, em segundo, a luta entre os próprios capitalistas. Por um lado o capitalismo precisa realizar urra reprodução ampliada do capital e, por outro, é obrigado a fazer concessões às massas trabalhadoras, o que pode diminuir sua taxa de acumulação. Tudo isso o leva a realizar incessantes inovações técnicas capazes de manter as altas taxas de lucro.

Quando a burguesia perde momentaneamente sua capacidade de resolver os próprios problemas e se dá uma situação revolucionária, se a classe operária e sua vanguarda não estiverem preparados e temperados para transformar tal situação em revolução, essa mesma burguesia encontra novas forças para engendrar soluções, sair da crise e do pântano em que se atolara e realizar um novo desenvolvimento das forças produtivas sociais. Na verdade ela é empurrada para a frente pelas massas revolucionárias ainda não suficientemente potentes e poderosas para destruí-la.

Mas o que significa essa nova força e essas novas soluções encontradas pelo capitalismo? Significam por acaso que ele conseguiu eliminar suas próprias contradições? Não, não significam nada disso. Significam, justamente, que o capitalismo tende a viver crises cada vez mais profundas até esboroar-se. A cada solução engendrada para salvar-se e alcançar a "vida eterna", o capitalismo desnuda ainda mais sua tendência geral de desenvolvimento, tendência indicada e reafirmada pelo marxismo. Torna-se ainda mais, claro a contradição entre o avanço das forças produtiva, com a socialização cada vez mais acentuado da produção, e o atraso relativo das refeições de propriedade, com a apropriação privado da produção e dos meios de produção.

A propriedade privada capitalista de amplos meios de produção criados pelo esforço da humanidade aparece para parcelas crescentes da massa de trabalhadores de todo o mundo como uma aberração. Pode-se afirmar, então, que a burguesia, ao engendrar soluções novas para seus problemas, empurrada pela luta da classe operária, não faz mais do que aprofundar sua própria revolução e preparar melhor o terreno para um trinfo mais profundo e radical de seu antagonista, o proletariado.

Portanto, o incessante desenvolvimento do capitalismo só demonstra que ele não esgotou ainda completamente todas as suas possibilidades. E em vez de negar a necessidade, de transformações socialistas, tal desenvolvimento ao contrário a reafirma. Com tal perspectiva, a classe operária não deve perder qualquer oportunidade para preparar-se no fogo da luta de classes. Seu fito é desferir golpes demolidores no Estado de ditadura da burguesia quando esta enfrentar suas periódicas crises e se criarem as condições objetivas para destruí-lo e edificar um Estado proletário que empreenda a construção do socialismo.

O que ocorreu e vem ocorrendo, na União Soviética e demais países chamados socialistas, são experiências importantes na luta de classe operária que devem sofrer uma análise profunda. Deve chamar a atenção dos verdadeiros marxistas o fato de que, além dos ataques e apreciações nitidamente burguesas a respeito, na indicações dos "responsáveis" pelos acontecimentos, juntam-se correntes aparentemente tão antagônicas quanto os eurocomunistas, os trotskistas de diversos matizes, os revisionistas e suas variações, os anarquistas, etc. Independentemente da adjetivação das causas, que vão da "traição" a revolução leninista até as "distorções" da política de construção do socialismo, todos encontraram um bode expiatório em Stalin. A conduta deste, seu "autoritarismo", seu "desprezo" pela liberdade política, seu "burocratismo", explicariam os desvios de rota da União Soviética, dos demais países chamados socialistas e do movimento comunista internacional.

Por outro lado, confundindo a defesa de Stálin com a defesa do marxismo, há os que fazem um corte abrupto na história do socialismo e do movimento comunista e também encontram um ou alguns "responsáveis": Kruchev e o XXº Congresso do PCUS. Para eles, até a morte de Stalin a União Soviética era socialista, aplicava corretamente o marxismo às condições de construção do socialismo num só país e mantinha bem alto a bandeira do internacionalismo proletário. Depois da morte de Stálin, assistir-se-ia ao retorno do capitalismo, à degenerescência do socialismo e ao retorno do chovinismo de grande potência sob uma capa "socialista".

Em relação a Mao ocorre o mesmo fenômeno, com certas nuances. Alguns dos que defendem Stálin e criticam os rumos atuais da Revolução Chinesa não realizam o corte na morte de Mao: vão buscar os desvios dessa revolução em seus primórdios, nas próprias concepções de Mao sobre a revolução nacional e democrática. Mas, incoerentemente, consideram essas mesmas concepções como marxistas-leninistas quando se trata do estágio da revolução em seu próprio país.

Na verdade, tais análises, que encontram "responsáveis" por tal ou qual tipo de evolução social, estão longe de constituírem análises materialistas da história. Não levam em conta que cada período histórico tem suas próprias leis, leis que decorrem do desenvolvimento das relações de produção, cujo conjunto constitui uma formação econômico-social. Esse processo histórico-natural, como já vimos, não depende da vontade de qualquer personalidade ou autoridade, por mais poderosa que seja. Tal personalidade ou autoridade é, ela própria, fruto de determinadas condições sociais históricas. Ou seja, um homem só se torna uma personalidade ou autoridade se corresponde às necessidades historicamente dadas pelo meio social em que vive, se suas concepções e atitudes correspondem à tendência principal de desenvolvimento de determinada sociedade.

Essa teoria materialista do papel das personalidades na história tem valor também para as sociedades socialistas. Assim, uma análise materialista do processo de construção do socialismo não pode, de modo algum, partir do pressuposto de que o partido ou seus chefes poderiam determinar o curso posterior da história, moldá-la a sua vontade. Por mais carregada de boa vontade que esteja esta concepção, ela não passa de puro idealismo.

As revoluções ocorridas em países como a Rússia, China, Cuba, etc. não inverteram o processo de desenvolvimento das relações sociais materiais. Estas continuaram a se dar apesar da vontade dos homens e a determinar suas relações sociais ideológicas. O estudo em profundidade desse processo objetivo de evolução das relações materiais é que pode explicar os "desvios" no partido e no Estado daqueles países, e não o contrário.

Sem utilizar as bases materialistas da teoria de Marx será difícil explicar cientificamente os acontecimentos do mundo "socialista" e dar à classe operária uma perspectiva de luta. Mesmo porque, já dizia Engels, a missão dos materialistas consiste em descrever, de maneira correta e exata, o verdadeiro processo histórico.

Assim, ao analisar o processo de construção das sociedades socialistas, os marxistas deveriam lembrar que, no curso da história, enquanto não se criarem "as condições materiais que tomam necessária a abolição do modo de produção burguês", a destruição do domínio político da burguesia "será unicamente uma vitória temporária, um elemento a serviço da revolução burguesa". "Os homens não constroem um novo mundo com os frutos da terra, como crê a superstição vulgar, mas sim com as realizações históricas de sua civilização decadente. No curso de seu desenvolvimento hão de começar, pois, produzindo as condições de uma nova sociedade e nenhum esforço da mente os livrará deste domínio" (K. Marx, "A Crítica da Moral e a Moral Crítica" Moral", in Sociologia e Filosofia Social, pág. 263, Ediciones Península, Barcelona, 1968). Deveriam lembrar, ainda que "uma formação social jamais desaparece antes que tenham se desenvolvido todas as forças produtivas que ela pode conter" (K. Marx, Prefácio à "Contribuição à Crítica da Economia Política"; Obras escolhidas, vol. I, pág. 518; Editorial Progreso. 1980, ed. espanhola).

Portanto, os críticos do marxismo que vislumbram nele algum idealismo, estigmatizam os outros por seus próprios defeitos. O "retrocesso" ocorrido nos países socialistas não é senão uma prova cabal de que, mais uma vez, o proletariado abriu caminho, com seus golpes poderosos, para que maturassem as condições históricas materiais que a burguesia, com sua pusilânime covardia, foi incapaz de realizar.

As revoluções na Rússia, China e outros países permitiram um amplo desenvolvimento das forças produtivas, tiraram da barbárie em que viviam grandes massas da população terrestre e representam uma evidente demonstração de que com a evolução das condições materiais da sociedade, a humanidade se verá livre da propriedade privada dos meios de produção e da apropriação privada da riqueza criada pelos trabalhadores.

O "retrocesso" do socialismo naqueles países coloca em evidencia, provavelmente mais do que em qualquer outro lugar, a contradição entre o caráter social da produção e sua apropriação particular. É certo que nas sociedades capitalistas a apropriação particular se dá diretamente, através da propriedade privada dos meios de produção, enquanto nas chamadas sociedades socialistas aquela apropriação se dá indiretamente, através do Estado detentor daqueles mesmos meios de produção. Neste último caso, entretanto, à medida que se estabeleçam as condições materiais para a superação daquela contradição ficará mais evidente a necessidade de destruir o Estado.

Tal necessidade, por sua vez, não nega o papel que os Estados socialistas desempenharam para o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção naqueles países. E é em tal contexto que podem ser apreciadas as contribuições de Stálin, Mao e outras personalidades marxistas. Todos tiveram um papel determinado, que correspondeu às exigências do movimento social de seus países num certo período histórico (o que não exclui que hajam cometido erros de avaliação quanto a esse movimento social e que diversas de suas decisões não hajam se chocado com os interesses fundamentais do proletariado e das massas trabalhadoras).

Permanece, porém, a questão de se saber se a classe operária pode ser capaz de evitar que surjam novas camadas privilegiadas, de caráter burguês, as quais através do domínio do

aparelho burocrático do Estado, se apropriem do sobreproduto social. Tal questão talvez só possa ser resolvida compreendendo-se o profundo nexo, descoberto pelo marxismo, entre a liberdade política e a liberdade econômica.

Marx e Engels, antes de serem socialistas, eram democratas e, como lembra Lênin, "tinham profundamente arraigado o sentimento de ódio à arbitrariedade política a par da profunda compreensão teórica do nexo existente entre a arbitrariedade política e a opressão econômica ..." (V.I.Lenin: Frederico Engels - in "Fuentes e Partes Integrantes del Marxismo " - Ed. Grijalbo , pg. 82 e 83).

Lênin em especial frisava este aspecto do marxismo ao acentuar que a classe operária, para lutar por sua emancipação econômica, deveria conquistar certos direitos políticos. O fato de que os marxistas, em particular nos países onde conquistaram o poder, tenham abandonado esses preceitos básicos em virtude da complexidade da luta feroz contra o inimigo de classe, mostra tão-somente que não compreenderam que a classe operária, para fazer avançar mais rapidamente as relações de produção, ou seja, para aprofundar a luta de classes, não deve abandonar em nenhum momento a luta pelas liberdades políticas de massas. A experiência das revoluções ensinou que tal abandono acabou tornando possível a dominação do Estado socialista e do partido por camadas não proletárias.

SOBRE A VIOLÊNCIA

Ao mesmo tempo que procuram desmoralizar a perspectiva de destruição do domínio burguês e da construção do socialismo como um processo histórico-natural, os ideólogos da burguesia fazem tudo para demonstrar que a violência revolucionária é uma insanidade, uma proposta radical que nada tem a ver com as aspirações e desejos da classe operária e das massas do povo. Nesse mister são particularmente eficientes os oportunistas e revisionistas de todos os matizes.

Na atualidade, a própria burguesia ocidental alimenta as teses pacifistas com suas reformas liberais e modernizadoras da superestrutura. Mesmo no Brasil é fácil notar a preocupação do regime em estender certos benefícios assistencialistas à população marginalizada, em realizar "aberturas democráticas" e em tolerar mesmo algumas atitudes até bem pouco consideradas anti-sociais. Não só a antiga e desmoralizada social-democracia é estimulada, como a corrente "eurocomunista" vai assumindo o papel cada vez mais claro de novo porta-voz político e ideológico de setores da burguesia. Aproveitando-se dos erros voluntaristas das correntes revolucionárias, a burguesia e seus ideólogos de "esquerda" procuram antepor a esses erros um voluntarismo pacifista e espontaneísta que no fundo peca pela base, como o primeiro. Isto porque coloca seus desejos acima dos interesses e vontade das massas, as quais, elas sim, podem e devem decidir da utilização ou não da violência para realizar transformações sociais.

As massas trabalhadoras vivem sob o domínio de uma violência institucionalizada, cuja expressão concentrada é o Estado burguês. E não há exemplo na história de que essa violência tenha sido superada por outros meios que não a violência revolucionária. Mas ninguém, nem mesmo um partido altamente organizado, pode substituir a classe operária e as massas nessa tarefa. O máximo que conseguirão, se o tentarem, é realizar um golpe de Estado.

Nos últimos anos, inúmeras organizações marxistas enveredaram pelo caminho blanquista de se pretenderem "salvadores do povo" . Sob as mais diversas fundamentações teóricas, seja a

da guerra popular de Mao, seja a do "foco" fidelista, todas ficaram enredadas no mesmo desvio aventureiro e anti-marxista de tentar substituir a classe operária na missão que só ela, como classe, pode realizar.

Como as lições desse período não foram ainda devidamente analisadas e criticadas, do ponto de vista do materialismo histórico, e como os oportunistas lançaram-se em ofensiva para desfigurar o verdadeiro fundamento da necessidade da violência revolucionária, mais uma vez ressurge a tendência a contrapor o voluntarismo ao pacifismo burguês dos oportunistas. Essa tendência, nas condições atuais de manobras reformistas da burguesia, só pode conduzir a um maior isolamento dos revolucionários e deixar as massas a mercê das ilusões reformistas.

A luta armada é a mais alta forma de luta política das massas. Os marxistas defendem o direito da classe operária de utilizar essa forma quando achar necessário e oportuno. No período de evolução pacífica do capitalismo, a questão da luta armada, da violência revolucionária, não se coloca na ordem do dia. O que se coloca realmente é a acumulação de forças através de um complexo processo de lutas, de avanços e recuos do proletariado e de seus aliados.

Entretanto, sonhar que esse processo de acumulação de forças e de lutas por objetivos parciais e limitados vá resolver as questões ligadas à transformação da sociedade é cair no pior reformismo. Os grandes problemas históricos só tem sido resolvidos pela força e a força, no mundo moderno, é a força militar, armada. Não há nada que possa levar a classe operária a pensar que mudaram as condições de luta por sua emancipação, tornando possível resolver esse grande problema histórico por meios pacíficos.

Em vez de tentar substituir as massas, cabe aos marxistas analisar corretamente o processo de acumulação de forças e de experimentação da capacidade combativa das massas no enfrentamento com as forças organizadas da burguesia e indicar o momento que se torna necessário tratar da passagem da luta pacífica das massas para a luta armada das massas. O próprio nível de luta dessas massas, sua potência, sua "educação" por meio das brutais violências policiais e militares da reação burguesa, tudo isso preparará a classe operária e as massas populares para as formas mais altas de luta e determinará o momento crucial do processo revolucionário objetivo, em que os problemas militares passam a primeiro plano.

Mas não é só isso. Todo esse processo de luta e de passagem para as formas mais altas, militares, é que vai determinar também as características que a violência vai assumir. Eis porque não passa de estultice a tentativa de apontar como erro fundamental de certas correntes o de terem adorado a guerra popular em vez da insurreição urbana. Em primeiro lugar, as correntes que adotaram a guerra popular só a adotaram em teoria, aplicando na prática outra linha. Em segundo, seu erro básico foi determinar aprioristicamente o caminho, o tipo de luta armada.

O tipo de luta armada a ser adotado numa dada revolução não depende de um planejamento antecipado de alguns "teóricos" ou "especialistas" .

Depende, isto sim, das formas de luta criadas pelas massas, das formas reais que a luta de classes assumir. No Brasil falharam todas as "previsões" estratégicas a respeito da violência revolucionária e aqueles que agora pregam a insurreição urbana laboram no mesmo erro. A revolução no Brasil tanto pode assumir essa forma, como pode assumir a forma de insurreição em diversos lugares das cidades e do campo, ou ainda a forma de guerra popular com base no campo e nas cidades ou uma combinação desses diversos tipos.

O máximo que os marxistas podem fazer em relação a esse problema é estar atentos para as formas de luta criadas pelas massas, procurando sistematizá-las e generalizá-las para elevar seu nível, ao mesmo tempo que buscam vislumbrar o delineamento provável da violência revolucionária futura e o amadurecimento das condições de uma guerra civil iniciada pelas massas em luta. Quando se derem tais condições e os assuntos militares passarem a ordem do dia, mais uma vez a tarefa dos marxistas consistirá em dar a conhecer tais assuntos as massas do povo para que elas assumam e resolvam os problemas concretos da luta.

Com base nesses preceitos teóricos estabelecidos pelo marxismo será mais fácil examinar criticamente as experiências recentes de luta armada tentadas no Brasil e superar as concepções voluntaristas ainda em voga.

SOBRE O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DA CLASSE OPERÁRIA

Dentro do conjunto de questões englobadas pela atual crise do marxismo, a do partido revolucionário da classe operária ganha destaque.

Os últimos 30 anos representaram uma experiência internacional tão diversificada, tão heterogênea e confusa sobre esse assunto-chave para o movimento operário, que brotaram interpretações as mais antagônicas.

Isto para falar só do campo do marxismo, já que os ideólogos da burguesia tudo fazem para demonstrar a "perversão" que o partido e seu princípio básico de organização, o centralismo democrático, representam.

No Brasil, no fim dos anos 50 assiste-se à evolução de um processo de desagregação do antigo partido fundado em 1922, que havia se firmado como o único partido operário revolucionário existente no Brasil, pese seus erros e desvios a esquerda e a direita. A década de 60 vê esse processo acentuar-se, com o surgimento de inúmeras organizações proclamando-se representantes revolucionários legítimos da classe operária.

Um dos males das análises até agora realizadas em tomo desse fenômeno reside em que elas se prendem unicamente às influências de ideias externas (revisão soviético, foquismo fidelista, maoísmo, eurocomunismo, etc), sem examinar o processo real que ocorre na base material da sociedade brasileira e que gera, em correspondência, determinadas relações sociais ideológicas. Mesmo os que negam qualquer influência externa sobre si, quando referem-se às outras correntes de pensamento sempre imputam a elas aquelas influências exteriores.

É evidente que as ideias importadas jogam determinado papel, tanto maior quanto menos desenvolvidas são as relações sociais materiais do país "importador" em relação à matriz ou matrizes. O atraso e a dependência do Brasil as metrópoles coloniais e imperialistas no curso de sua história, ao lado da persistência de relações de produção pré-capitalistas, permitiram que uma série de ideias capitalistas, já ultrapassadas em seus países de origem, aparecessem aqui como ideias progressistas e inclusive se mesclassem com as ideias do socialismo.

Na história do PC, além da proeminência do anarquismo, pesou por um longo período o positivismo, encoberto por uma fraseologia marxista. Mesmo quando desprenderam-se do antigo partido, afundado no revisionismo, as organizações revolucionárias que passaram a se

proclamar representantes legítimas da classe operária não conseguiram livrar-se da absorção mecânica de experiências externas.

Permaneceram vivas, sobretudo, as concepções positivistas e militaristas de um partido acabado, imune a erros, altamente centralizado sob a direção direta de um centro “leninista” intocável, e cujas discrepâncias internas devem ser resolvidas internamente (e, se possível, no âmbito restrito da direção) a fim de que o conjunto do partido e as massas da classe operária não tenham uma “imagem deformada” do partido e da direção. Tais concepções “importadas”, entretanto, encontraram no Brasil o terreno concreto sobre o qual se assentaram e sem o qual não poderiam florescer.

Encontraram sobretudo, uma classe operária pouco numerosa e relativamente fraca, ao lado de uma pequena burguesia “inchada” pelo comércio de exportação e ávida de obter um lugar ao sol na sociedade dominada pela oligarquia rural em aliança com a burguesia monopolista estrangeira as idéias do socialismo científico em lugar de se fundirem com o movimento operário brasileiro, fundiram-se mais propriamente com o movimento da pequena burguesia revolucionária. O PC daí resultante, pelas condições objetivas dadas, expressava tanto interesses do proletariado quanto da pequena burguesia. Sua história é, portanto, a luta pela hegemonia de uma dessas classes no partido.

Essa tese corresponde à idéia de partido de Marx, Engels, Lênin. Para eles o partido não é uma coisa criada pela mente dos homens ou de alguns homens, para dirigir, como um Deus ex Machina, aos demais mortais.

Os clássicos do marxismo consideravam o partido com a materialização de uma idéia que expressa determinadas relações e necessidades históricas materiais e reflete determinadas relações e necessidades de classe. Como tal, o partido é um organismo vivo, cheio de contradições, que nasce, cresce, envelhece e morre. A necessidade de um partido revolucionário da classe operária continuará presente enquanto a classe operária não houver cumprido sua missão histórica.

Nesse processo de construção de um partido revolucionário, a classe operária criará várias organizações que cumprem determinado papel histórico e desaparecem após isso, dando lugar a uma nova organização. Se olharmos a história dos diversos partidos operários que já surgiram na cena da luta de classes da sociedade moderna, inclusive a história do PC fundado no Brasil em 1922, poderemos contatar essa lei. Em cada momento histórico de sua evolução como classe para si, a classe operária consegue organizar o partido possível. Só quando amadurecem certas condições materiais ela consegue transformar o partido possível em partido necessário.

É por não compreenderem esse processo materialista e dialético de construção do partido do proletariado que os trotskistas e outras correntes negam que o partido fundado em 1922 haja sido um partido proletário. Confundem o sonho com a realidade e não levam em conta que a classe operária só tinha condições de criar aquele partido e, ainda por cima, em disputa com a pequena burguesia radical. A luta pela fusão do socialismo científico com o movimento operário tem um de seus momentos-chaves na fundação do PC em 1922 e se desenvolve ainda hoje. Ter dado início a essa luta, ter procurado levá-la até o fim, é o mérito que ninguém pode negar aos fundadores do PC no Brasil e a todos aqueles que, no curso de sua história, lutaram por fazer com que o marxismo prevalecesse sobre as demais correntes de pensamento pequeno-burguesas e burguesas dentro do partido.

A história tem mostrado que quando um partido operário degenera em partido oportunista, burguês, como foi o caso dos partidos da II Internacional e do PC Brasileiro, o novo partido que surge para responder as necessidades da classe operária é, ao mesmo tempo, novo no sentido de que rompe com as concepções dominantes no partido que degenerou, e velho no sentido de que recupera o patrimônio revolucionário do antigo partido.

A experiência tem mostrado, ainda, que, para desenvolver-se e transformar-se num verdadeiro partido revolucionário da classe operária, esse novo partido deve negar tudo que no velho partido negava seu caráter de classe proletário, negar todos os preconceitos e concepções burguesas e pequeno-burguesas quanto à linha, à tática, aos métodos de organização e ao estilo de trabalho. Sem fazer essa negação da negação, esse partido, mais cedo ou mais tarde, se verá diante de uma encruzilhada. Ou enveredará pelos mesmos erros e desvios que levaram o antigo partido ao oportunismo de direita, aplicando sua linha, tática e métodos direitistas, ou se enclausurará sob uma capa esquerdista, transformando-se numa seita inexpressiva. A evolução recente das organizações que na década de 60 romperam com o partido revisionista no Brasil é um exemplo evidente.

Há marxistas que temem a negação dos defeitos e erros do partido e confundem essa negação com a negação do próprio partido. Nada mais incorreto. Se examinarmos a história das organizações que romperam com o oportunismo revisionista e realizaram esforços para construir um verdadeiro partido revolucionário da classe operária, veremos que a ausência de uma luta decidida e aberta contra os preconceitos burgueses existentes em sua linha, em sua concepção do caminho revolucionário no Brasil e em sua aplicação deformada do centralismo democrático, ou seja, a ausência de uma firme negação dos desvios dentro do partido, é que permitiu que se criassem condições para que elas fossem praticamente liquidadas ou quase liquidadas.

Nestes anos de ditadura, as concepções incorretas materializaram-se num liquidacionismo prático, sem que essa tendência se expressasse teoricamente.

Se tomarmos como exemplo qualquer das organizações que se diziam marxistas-leninistas, inclusive o PC do B, que foi o primeiro a romper com o oportunismo revisionista e congregava um maior número de antigos combatentes marxistas revolucionários, poderemos comprovar que nenhuma conseguiu reunir em torno de si as demais forças revolucionárias marxistas-leninistas. Mais: deixaram desaparecer sob os golpes da reação toda uma antiga geração de dirigentes revolucionários sem formar uma nova que a substituísse. E pouco vale dizer que tal ou qual organização se manteve organizada em diversos pontos do território nacional se sua ação prática, de conjunto, é dispersa e sem um fio condutor que a oriente politicamente.

O crescimento da classe operária no Brasil e o aguçamento da luta de classes colocam na ordem do dia, com uma força inigualável, a necessidade de construção de um verdadeiro partido revolucionário da classe operária. A discussão em torno desse problema tende a se aprofundar e os verdadeiros marxistas-leninistas não podem fugir dela, mesmo que imaginem já estar organizados em tal partido.

Isso porque a organização política operária que pretende representar os interesses fundamentais do proletariado não se transforma no partido revolucionário da classe operária pelo simples fato de seus membros e seus documentos públicos estarem imbuídos desse desejo.

Tal desejo é um dado positivo, mas não basta. É necessário, além disso, que tenha consciência da necessidade de recuperar a memória e a experiência revolucionária do antigo partido criado em 1922 e de incorporá-las ao seu patrimônio; que não tenha titubeado em realizar ações revolucionárias contra a ditadura militar, mesmo erradas, o que é um mal menor para a luta proletária do que a capitulação sem luta dos oportunistas revisionistas, capitulação que representou uma desmoralização para a classe operária e a destruição, por um longo período, de seu espírito de combatividade.

É necessário, ainda, que esse partido se imbua da coragem dos partidos sérios e realize uma crítica impiedosa de seus próprios erros, defeitos e desvios; que negue tudo o que é negação de um partido de tipo leninista, sejam os preconceitos burgueses de sua linha e os desvios sectários de sua tática, sejam os erros aventureiros de sua ação política e militar e o abandono dos princípios leninistas de organização.

Só desse modo, e ao mesmo tempo que elabora uma política que corresponda ao sentido de evolução histórica da sociedade brasileira, pode um partido operário da atualidade aglutinar em torno de si os marxistas-leninistas revolucionários e ajudar o proletariado a realizar as alianças de classe indispensáveis para levar a cabo sua missão histórica.

SOBRE ESTRATÉGIA E TÁTICA

As modificações de linha política e sua constante reelaboração surgem tanto em função de erros de apreciação que exigem correções, quanto de mudanças na situação política e social, isto é, na superestrutura. Essas mudanças determinam reajustes no modo como a classe operária deve enfrentar a luta de classes em cada momento dado e compelem o marxismo a destacar um ou outro aspecto de seu corpo de concepções.

Nos últimos 30 anos ocorreram importantes modificações na correlação entre as classes (não modificações fundamentais) que compõem a sociedade brasileira, ensejando por sua vez modificações no sentido de uma "modernização" na superestrutura.

A penetração do capital estrangeiro no Brasil resultou na aceleração do desenvolvimento do capitalismo no país e na ampliação da camada brasileira da burguesia, inclusive de uma grande burguesia industrial, comercial e financeira. Esse processo real, uma das contradições e "uma das propriedades mais essenciais ao imperialismo" (Lênin, Programa Militar da Revolução Proletária, Obras Completas, vol. 24, pág.82) estava em geral ausente da análise de muitos marxistas brasileiros, que só enxergavam na penetração imperialista a destruição da burguesia "nacional" e a estagnação das forças produtivas.

Ao lado dessa penetração da burguesia monopolista estrangeira e do crescimento de diversos setores da burguesia brasileira, a classe operária teve um significativo aumento numérico e qualitativo. Seu peso no conjunto da população aumentou consideravelmente e o proletariado das grandes empresas industriais também se fortaleceu. Em contrapartida, em virtude de como o capitalismo transforma a agricultura brasileira, expropriando grandes massas rurais, o peso específico do campesinato decresceu, apesar de continuar se constituindo na força social numericamente maior. Ao mesmo tempo, criou-se um formidável exército de reserva industrial a partir das massas expropriadas do campo, exército que se amontoa nas favelas e periferias dos centros urbanos e engloba considerável lumpem-proletariado, cujas características, peso e influência nas lutas da classe operária estão por ser estudadas.

Também não se pode desprezar a ampliação das camadas médias das cidades e do campo e o papel que tem desempenhado na luta social e política. Todas essas mudanças na composição de classes da sociedade brasileira e em sua correlação de forças aceleraram-se a partir da década de 50 e encontraram um primeiro estrangulamento no início da década de 60. Era 1964 a crise foi resolvida com a vitória reacionária do capital monopolista estrangeiro e nacional, exprimindo-se na instalação de uma ditadura militar ultra-reacionária cuja tarefa precípua foi esmagar o movimento operário e popular e, ao mesmo tempo, realizar "reformas modernizantes" no aparelho de Estado e na agricultura. Tais "reformas modernizantes" no aparelho de Estado objetivaram, fundamentalmente, fazer com que esse assumisse, através de uma brutal centralização, todos os encargos de modernização das comunicações, vias de transporte, geração de energia, e outros meios sem os quais a produção capitalista não se dá na escala desejada pelas monopólios, além de conter o preço da força de trabalho em níveis abaixo de seu valor, de modo que o capital conseguisse extrair altas taxas de mais-valia.

A centralização do Estado foi a forma encontrada também para "modernizar" a agricultura através da transformação dos latifundiários pré-capitalistas em latifundiários capitalistas e da "latifundização" ou territorialização do capital monopolista.

Todo esse processo, acelerado em 1964 com a vitória do capital monopolista, aprofundou a diferenciação de classes na sociedade brasileira e gerou uma série de novas contradições que o regime de ditadura militar altamente centralizado já não era capaz de conter no fim da primeira metade da década de 70. A burguesia brasileira forçava sua representação no aparelho de Estado e para tanto ameaçava levantar propostas e realizar ações que mobilizassem a pequena burguesia e a classe operária. Esta, esmagada econômica e politicamente e com algumas de suas parcelas quase sem condições de reproduzir sua própria força de trabalho (as mais altas taxas de mortalidade infantil, encontram-se, coincidente e contraditoriamente, nas regiões industrialmente mais desenvolvidas), realizava uma resistência surda que desembocaria, como afinal desembocou, em grandes lutas por melhores condições salariais e de trabalho.

O campesinato, por sua vez, aprofundava a luta pela manutenção e ampliação de suas condições de existência, intensificando-se os choques pela terra. A pequena burguesia urbana, também oprimida pelas condições econômicas e pela ausência de liberdades políticas, retornava a luta através de manifestações várias. O Lumpem-proletariado, vegetando na miséria e num pauperismo sem igual, sem consciência de classe definida, derivou para a marginalidade e o banditismo, permitindo, de certo modo, que a burguesia justificasse a elevação da violência do Estado a níveis desconhecidos até então.

Essa situação levaria inevitavelmente a uma crise revolucionária, independentemente da ação das organizações revolucionárias que tentavam uma saída armada para os problemas de fundo da sociedade brasileira, se as classes dominantes não realizassem os novos reajustes que estão em curso na superestrutura. É certo que a longo prazo tais reajustes não resolvem a contradição entre desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, não resolvem a contradição entre a produção social e a apropriação privada, entre o monopólio da terra e a propriedade camponesa, entre a opressão nacional do imperialismo e o nacionalismo burguês, etc. Chegará o momento em que a burguesia não mais será capaz de realizar reajustamentos, em que tudo que empreender não dará certo, em que as massas não mais quererão viver como até então, e estarão criadas as condições para transformações revolucionárias. Entretanto, este é um momento determinado para o qual a classe operária e sua vanguarda devem estar preparados. Caso contrário, como se viu, a burguesia é capaz de engendrar novas soluções e um novo ciclo de desenvolvimento.

Mas, independente dessa perspectiva futura da crise revolucionária que qualquer ideólogo burguês de mais bom senso pode prever, o que interessa é compreender que todos os aspectos das mudanças ocorridas na situação social e política sucintamente descritas, impõem uma reavaliação em profundidade dos programas estratégicos e táticos da revolução. Se antes tais programas já apresentavam lacunas consideráveis na análise de classes da sociedade brasileira e das bases sociais das mudanças que levaram ao golpe reacionário de 1964, agora essas lacunas são ainda mais acentuadas.

Um dos aspectos mais sérios dessas lacunas consiste na ausência de uma crítica socialista do capitalismo brasileiro e de seu processo de desenvolvimento. Sob o argumento de manter a burguesia "nacional" como aliada, o caráter vacilante, traidor e pusilânime dessa burguesia tem sido pouco denunciado e normalmente escamoteado. Mas isto é, sem dúvida, o secundário da questão. O principal é que as tarefas democrático-burguesas da revolução brasileira eram e são tomadas, por importantes setores marxistas, como tarefas de apoio ao desenvolvimento do capitalismo em geral, quando na verdade devem ser tomadas como tarefas de aprofundamento da luta de classes para a destruição do domínio da burguesia.

Essa confusão tem impedido, por outro lado, o combate acertado aquelas correntes que não enxergam qualquer diferenciação na burguesia e são incapazes de aproveitar-se taticamente das contradições do desenvolvimento capitalista que, afinal de contas, ao chegar num determinado estágio, não é mais que o processo de expropriação de uns capitalistas por outros.

SOBRE O DEBATE

A superação da crise do marxismo, tanto em âmbito internacional como nacional, inclui, como procuramos mostrar neste trabalho, entre outras, as questões da reafirmação do papel da teoria e da defesa dos fundamentos teóricos básicos do marxismo-leninismo, da análise materialista de construção do socialismo e do papel de Stálin, Mao e outras personalidades marxistas. Abrange, também, as questões da violência, do partido revolucionário da classe operária e da estratégia e tática da revolução brasileira .

Tudo isso e mais uma série de problemas colocados pela evolução da humanidade trazem para a ordem do dia, por sua vez, a reavaliação da polêmica, do debate público e aberto, tanto no campo do marxismo quanto entre o marxismo e outras correntes de pensamento.

O marxismo sempre se desenvolveu e superou suas crises na luta aberta e pública com outras correntes de pensamento, mesmo quando tais correntes camuflavam-se de marxistas. Lenin, em especial jamais deixou de tornar públicas suas polêmicas, inclusive quando se davam dentro de seu próprio partido. Jamais temeu que o debate franco e aberto das discrepâncias pudesse "enfraquecer" o partido, "dar armas a reação" e outros argumentos ao estilo. Para Lênin o importante é que a classe operária tomasse conhecimento das questões em debate e pudesse participar na diferenciação entre o certo e o errado no campo da teoria.

Esse ponto de vista não se baseava somente na concepção democrática profundamente arraigada dos clássicos do marxismo. Baseava-se fundamentalmente em considerações científicas a respeito das relações ideológicas e do processo do conhecimento.

Para Marx e seus principais seguidores, as relações ideológicas refletem antes de tudo as relações de produção; são o reflexo, na mente dos homens, da divisão e da luta de classes existentes na sociedade em que vivem. Portanto, de acordo com seus interesses específicos, cada classe possui uma ideologia que lhe é própria. Como a ideologia da classe dominante é a ideologia também dominante, cada classe social que luta por transformar-se numa classe para si tem que travar uma luta encarniçada para que sua ideologia se expresse como um corpo de princípios e passe, ela própria, a ser a ideologia dominante.

Todavia, a transformação de uma classe dominada em dominante pressupõe que ela corresponda a uma necessidade prática do desenvolvimento histórico da sociedade. E que passe a dominar o aparelho de Estado, ou crie um novo, capaz de lhe fornecer as condições para transformar também sua ideologia em ideologia dominante. No capitalismo, a classe que corresponde à necessidade prática do desenvolvimento histórico, podendo fazer com que, às forças produtivas socializadas, correspondam relações de produção socialistas, é a classe operária. Só esta classe é socialista por natureza. Só ela tem condições de destruir o domínio da burguesia e construir uma nova sociedade, transformando sua ideologia, o marxismo, em ideologia dominante.

Entretanto, se isso resolve o problema em termos teóricos gerais, abstratos, não o resolve em termos práticos, concretos. Em nenhum lugar o marxismo se expressa de forma pura e acabada, o que além de tudo seria uma negação do próprio marxismo. O marxismo como teoria abstrata é somente o instrumento que permite conhecer de forma rigorosamente científica uma sociedade determinada em seu processo de evolução. Lenin afirmava que "para os socialistas russos é particularmente necessário desenvolver independentemente a teoria de Marx, porque esta teoria proporciona só os princípios orientadores gerais, que se aplicam em particular" à Inglaterra de um modo distinto de como se aplicam à França; à França de modo distinto de como se aplicam à Alemanha; e à Alemanha de um modo distinto de como se aplicam a Rússia. (V. I. Lênin). Acrescentaríamos que se aplicam de modo distinto de como se aplicam a China e a China de modo distinto de como se aplicam ao Brasil.

Em relação a cada formação social determinada é necessário utilizar o marxismo para descobrir a verdade, ou seja, para conhecer as leis que regem seu desenvolvimento específico à medida que essas leis são conhecidas e há a fusão dos princípios universais do materialismo histórico com a prática da transformação, da realidade social, o marxismo deixa de ser uma teoria de análise para tornar-se uma teoria transformadora.

Em qualquer dos casos, a aplicação dos critérios ideológicos da classe operária a uma dada formação social faz parte da teoria do conhecimento e, mais particularmente, do conhecimento da verdade histórica.

O processo de conhecimento da verdade e o processo de conhecimento das coisas e de sua essência, a expressão da matéria em movimento. Como as sociedades — uma das formas de existência do movimento da matéria — estão em constante evolução, a verdade social possui um profundo sentido histórico e se expressa de forma particular em cada momento histórico. Porém, de acordo com os interesses de classe, os homens sufocam essa verdade do ponto de vista de tais interesses, do ponto de vista de sua ideologia, confundindo as contradições morais e políticas com as contradições da verdade. A verdade, apesar disso, é uma só e o critério para determiná-la é sua correspondência com a evolução histórica real.

Para que a classe operária cumpra sua missão histórica e de vital importância a determinação da verdade em relação a todas as questões que dizem respeito a seus interesses de classe. Por

isso não são problemas de menor importância aqueles que dizem respeito ao debate do programa estratégico e tático da revolução, da construção de seu partido revolucionário, das alianças políticas com outras classes, dos erros e defeitos cometidos por seu partido na luta contra a burguesia, da crítica e autocritica desses erros e defeitos, etc. Por essa mesma razão, qualquer partido que se proclame operário, revolucionário, e marxista não pode esconder de sua classe os problemas que enfrenta, mesmo sob a argumentação de que os inimigos do proletariado se servirão deles.

O decisivo para a classe operária é que ela possa, como classe, utilizar seu próprio critério de verdade, sua luta prática, para determinar o certo o errado. Um partido que não confia em sua classe operária para discutir diferentes critérios na determinação da verdade, que não utiliza a crítica e a autocritica para resolver a contradição entre o certo e o errado, dificilmente se tomará um verdadeiro partido revolucionário do proletariado.

A polêmica franca e aberta em torno das divergências não é, pois, uma questão de método. É uma questão chave para a classe operária determinar a verdade, diz respeito a seu próprio processo de conhecimento como classe para si. Tentar truncar esse processo, sob qualquer pretexto, só pode conduzir quem o faz a um crescente isolamento em relação ao conjunto da classe operária, à sua transformação em seita do tipo religioso e ao seu aprofundamento na esterilidade teórica e no praticismo sem princípio.

A fuga à crítica e à autocritica, ao debate, à polêmica, à luta ideológica, tanto contra as correntes antimarxistas externas quanto as internas, impede qualquer partido operário de aprofundar seu processo de conhecimento da verdade e entorpece a classe operária, colocando obstáculos ainda maiores à elevação de seu nível de consciência política e ideológica. Como resultado, fica o campo aberto ao florescimento, por todos os lados, do ecletismo, do dogmatismo, do revisionismo e das mais diversas correntes antimarxistas.

O marxismo está em crise. Os verdadeiros marxistas não temem reconhecer o fato e por isso não vão eludir os problemas, valendo-se de frases ocas. Vão unir-se para combatê-la e salvaguardar os fundamentos teóricos do marxismo e suas teses básicas e, ao mesmo tempo, para utilizar esses fundamentos na solução dos novos problemas da humanidade.

Janeiro de 1980